

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 116

Editor, Dr. Alberto Rodrigues

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da Republica

Guimarães, 6 de Fevereiro de 1913

Comp. e impressão, Tip. Muzarta Vimaranesse

A farça

C'est quand l'home est masqué
que l'home se démasqué!

(Théodore de Banville.)

Carnaval! A bêsta humana, encurralada e oprimida na mentira dos preconceitos sociais, esconde a cara num farapo preto e desnuda-se triunfante, em toda a sua miseranda verdade, em toda a sua instintiva animalidade!

A máscara oculta o rosto e desvenda a alma. A máscara é o desconhecido, é o anónimo, é o irresponsável.

Vêde aquêlê homem circumspecto e grave, com maneiras solenes e ponderadas, nobre no gesto e pausado no falar: é um farçante, anda a representar a comédia da vida. Vai sem máscara...

Vêde agora a mesma criatura, cheia de guizalhada estridente, as largas calças dum colorido berrante, um rubicundo, imenso nariz postiço e a cara laivada de vermelhão e alvaiade: ¡como ela dança e gira satisfeita, como ela espiroteia e grita e diz imbecilidades, como o «instinto da preversidade», de que nos fala Poe, se mostra verdadeiro, espontâneo, fácil, natural!

Só porque o vestuário é outro e o rosto foi desfigurado, só porque diminue o perigo de que nos conheçam a categoria—logo se revela (oh fraqueza humana!) o animal homo, pertencente à família zoológica dos primatas... ¡Tam mal segura e frágil é a base de toda a nossa superioridade de racionais, tam pequena é a barreira que pretende apartar-nos do resto da natureza viva que passeia pelo orbe!

Os nossos defeitos inatos estão latentes, prontos a desencadear-se, à menor fraqueza. Se nós sabemos conduzir os nossos actos, não pela força e imposição dos preconceitualismos de transigência mútua, ficticiamente estabelecidos por uma educação falsa, mas por um critério são e uma inteligência clara e reflectida—conseguiremos sempre sobrepor a essa nativa e fisiológica bestialidade tudo o que em nós existe de consciente e espiritualmente elevado. Mas uma educação orientada no conhecimento e na razão está por difundir, e por isso, ainda hoje, século de progresso, de

civilização e palavras quejandos—ainda hoje o Carnaval, que é a negação de tudo isso, encontra quem o admire, quem o deseje, quem o defenda.

O carnaval é o riso alvar—e o riso é o esquecimento. Folga e ri e o mundo será teu. A prostituta aproveita a ocasião farta e rendosa para o seu comércio de lama e de miséria; o defeituoso, o tarado não perde o momento esplêndido para cometer incólume o seu crime; as mães que o não sabem ser acompanham as filhas ao baile, como quem leva as crias ao mercado; as esposas que o cio apenas e o interesse induziram ao casamento valem-se da máscara para, às ocultas, mudarem de macho. Carnaval! podridão! ignominia!

Um pouco a imagem da própria vida, afinal...

Lisbôa.

1—2—1913.

MÁRIO CARDOZO.

Diálogo na sombra

É o Estio. Meio dia em brasa, só, quando, em colmeia, um carrilhão gisalha: E ela recorda, à sombra da carvalha, as pastoras vermelhas de Watteau.

Sobre os campos d'Agosto, o sol, d'esforços, sustem, ao milho verde, o embulado brando. E os olhos dela sobem, pastorando pelos outeiros floridos, moços!...

E então, deitada, a saia em onda e a abrir, diz-me, lançando um braço ao meu pescoço: —!Mal tu sabes (e eu nem dizer-t'o posso) quanto gostava de lavar e rir!

E os seus olhos descaem no regaço todo de seda branca e rosas bravas. Respondo:—Dize lá, sério, é gostava de lavar êste campo, em vindo Março?

E ela, erguendo o seio—com o brilho de um forte, estranho, abençoado sonho, diz-me, pelos seus lábios de medronho: —!Gerando o pão, como quem gera um filho!

É o Estio. E o ar pára, sedento... Arde o sol sobre as copas de carvalha... E a colmeia dos sinos, que gisalha, regressa, enfim, e desce lento e lento...

ALFREDO GUIMARÃES.

Comerciantes

O presidente da Associação Comercial salientou em reunião dos seus colegas, e que o órgão da classe reproduziu, justificados queixumes da indiferença da maioria dos srs. comerciantes pela vida da sua colectividade de classe. É certo. Não é o caso de hoje, nem é êle exclusivo desta classe. Como porém não falte quem contribuindo para êste indiferentismo, ainda, em conjunturas várias, se lamurie da falta de solidariedade, de iniciativa e de uniformidade de vistas na sua classe, para a defesa de certos interesses, bom é que se archive o reparo da presidência—tam oportuno e justificado êle é.

Relíquias

A Câmara defende o arquivo da Colegiada

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal pugnando pela conservação, nesta cidade, do que resta do arquivo da extinta Colegiada, fêz expedir o seguinte officio às instâncias superiores:

«Ex.ª Sr. Ministro da Justiça.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, vem respeitosamente impetrar ao Governo da República, por intermédio de Sua Excelência o Ministro da Justiça, que seja confiado à guarda do Município Vimaranesse o que resta do arquivo da extinta Colegiada de Guimarães.

Há vinte e tantos anos que para a Torre do Tombo foram levados os melhores documentos que faziam parte dêsse importantíssimo arquivo e, a dar crédito a informações de pessoas competentes, por lá estão esquecidos e perdidos, sem proveito para a sciência histórica e com prejuizo dos estudiosos desta região, que os tem havido e do maior valor, como, entre outros, Alberto Sampaio e Abade de Tagilde.

Os documentos que restam no arquivo têm, sobretudo, importância histórica e documental para êste concelho, e muitos dêles tem sido já publicados na Revista de Guimarães, publicação da Sociedade Martins Sarmiento, instituição subsidiada pela Câmara, e «Vimarânis Monumenta Histórica», Anais d'êste Município, de que já está publicada a parte 1.ª e prestes a sair do prélo a parte 2.ª. Tal publicação de certo se não teria feito se êsses documentos estivessem sepultados na Torre do Tombo.

Em nenhuma parte, como em Guimarães, o arquivo da Colegiada poderá ser conservado com maior cuidado e desvelo e que êste Município é capaz de dar a devida publicidade aos seus documentos, pondo-os assim ao alcance de todos os estudiosos, tem dado disso sobejas provas, pois é êste um dos tam poucos do país que tem dado cumprimento à portaria de 8 de Novembro de 1847 que impoz a todas as Câmaras a publicação

COPRE DA BENEFICÊNCIA

Nota da distribuição de 1:030\$000 réis

Azilo de Santa Estefânia.	200\$000
Creche de S. Francisco	50\$000
Azilo de Mendicidade.	100\$000
Bombeiros Voluntários (Socorros)	50\$000
Caixas de socorros aos operários.	120\$000
A's comissões paroquiais (para distribuir pelas famílias envergonhadas e tuberculosos no dia 31 de Janeiro)	150\$000
Cantina Escolar	100\$000
Irmãos pobres de diversas irmandades	250\$000
Prêsos da cadeia	10\$000

1.030\$000

dos seus Anais, e porque é neste concelho que tem a sua sede uma Sociedade promotora da instrução popular, essencialmente dedicada aos estudos históricos e arqueológicos, de reputação feita em todo o país, que tomou o nome de um grande sábio e homem de bem desta terra,—a Sociedade Martins Sarmiento.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, pede pois a Vossa Excelência, convencida de que defende os interesses d'êste concelho mas que também presta um serviço aos estudiosos de todo o país, que a Câmara Municipal seja entregue o arquivo da extinta Colegiada de Guimarães a fim de que o possa conservar em secção especial na Bibliotéca do Município, uma das mais importantes do país.»

Não tomou ainda nenhuma resolução o govêrno sobre a centralisação, em Lisbôa, de alguns cartolários e documentos antigos existentes, especialmente, em Braga e em Guimarães. A opinião do maior número dos abalisados prescutadores e estudiosos que mais interesse revelam por êste género de investigações, clamam pela centralisação, ainda que a titulo provisório. Os bairristas, desconfiados, defendem as suas velhas prerogativas de posse, protestando.

—Quem vencerá?...

“Eu respondo...”

Por já muito tarde nos chegar um artigo, com o título acima, do nosso presado colaborador Alfredo Guimarães, em resposta ao nosso ex-apreciado colaborador Rodrigo Pimenta, só no próximo número o mesmo pode ser publicado.

Como eles são!...

A par do desgosto que ela sentia de o ver doente, que imensa satisfação tê-lo agora junto de si, de manhã até à noite, desde o dia em que torceu o pé—descendo do tramway, dizia êle—mas na realidade ao sair dum lugar suspeito. (¡Deus que o havia castigado, sem dúvida!)

Não mais cafés, não mais teatros ou negócios urgentes; acabaram finalmente os pretextos para constantes ausências e para se voltar para casa a horas mortas, impossíveis...

Ele, que habitualmente era tam frio, tinha-se tornado extremamente amável. Já não carregava a viseira, não amuava nem resmungava. Conversava sobre assuntos vários. Procurava mesmo dizer-lhe coisas interessantes, e chamava-lhe a sua *Perinha-Cosida*, a sua *Doce-Filhó*,—nomes que ela achava singularmente deliciosos, apezar da sua trivialidade, tam pouco acostumada estava a essas meiguices.

A' noite, encafuado na cama, com um ar de cãozinho socegado, ouvia-a ler o jornal.

E quando ela lhe levava o seu *grog*,—dizia-lhe: «Dá cá um beijo, *Pevide*; tu és uma mulherzinha encantadora».

Um dia, de manhã, em que ela remexia pelo quarto, daqui para acolá e de acolá para aqui, a pequeninos passos, como um ratinho, para não o acordar, voltando-se viu-o de olhos muito abertos.

Precipitou-se então sobre êle, cobrindo-o de carícias, mas foi asperamente repêlida:

—«Oh! Deixa-me em paz!» diz êle; «que massadora! ¡olha que me arrancas a barba!» E a seguir, desviando-se, acrescentou:

—«¡Ora que mania esta de me beijares constantemente!»

Ela ficou de todo suspensa, cheia de amarga tristeza, os braços pendentes,—e compreendeu que o riso tinha acabado.

E' que êle já estava curado.

Georges Auriel.

CARTAS

Do outro mundo

I

Ao velho amigo Rodrigo Pimenta:

Aqui, neste reino dos mortos, debaixo da terra fria para onde me desterrou a tua piedade pela memória do outro eu, uma carta tua me veio parar às mãos—visto que os vermes generosos ainda m'as não levaram.

Não estranhes destas maravilhas nos correios de Alem-Túmulo. O progresso, como sabes, é um imenso e enorme paraíso que vasa tudo de lado a lado, desvendando-nos o próprio desconhecido.

A tua carta veio, pois, até mim, embora, confesse, que me custou a conhecer-te. Sim; tu estás mudado, mesmo muito mudado! E se não fosse revelares-te—à força de bateres sempre a mesma tecla—por um sentimento alucinante e fixo que todo te envolve e todo te domina, sem remédio, bem de certo não te reconheceria. Porque, acredita, meu querido amigo, estás tam desfigurado, tam outro do que foste, que estou até em dizer que o morto não sou eu, mas tu,—tam mudado se me afiguram!...

O nome! Que é feito do teu nome, caro Rodrigo, pseudónimo com o disfarce dum pseudónimo me consta que o crismas de oito em oito dias?! Para que estás com isso, meu velho, se cá perante o mundo dos espíritos todos os disfarces cáem?!
 E então para onde foste escrever, meu filho! Para um papel que, servindo-me das tuas próprias palavras, bem posso chamar-lhe uma *gazeta*. — Oh! mas para que ei-de comprometer-te, indispor-te com os teus iguais!

Como estás mudado! Se ao menos tivesses tido o cuidado de te fazeres acompanhar de preservativos e mais ingredientes de desinfecção! Mas... assim metido no recheio da montureira, entre uma crapulagem sem aprumo, sem lógica e sem vislumbre de coerência política, oh! é de mais, é de mais!

Como me fazes pena, pobre amigo, amigo velho dos bons tempos!...
 Sim, dos bons e antigos tempos em que tu e eu, ambos moços, de almas entumecidas por grandes, e belos, e generosos ideais, nos entertínhamos,—e que bem isso fazia à gente! — a discutir, embora em suave discordância, transcendentes planos de libertação e de resgate humano! Lembras-te?...

Então tu, meu esgotado e enfracado Rodrigo, dizias-me as vantagens do anarquismo puro, e, nessa afinada música de tanto ritmo e de tamanha harmonia angelical, era de ouvir-te dissertar sobre a sociedade sem família, a família sem pátria, a pátria sem fronteiras, os povos sem leis, as ruas sem polícia, as casas sem portas, os cães sem açamos,...

enquanto eu, coitado de mim!, me cingia a defender, a pregar, a evangelisar a República, não como um fim, mas como um meio, um degrau, uma *etape* para mais rasgados horizontes de progresso político e de avanço social...
 Bons tempos esses, meu Rodrigo! Nem tu sabes como eles me fazem saudade! Se bem me recordo, marcava o calendário o ano de 903!...

Tu, então, zangavas-te com o meu republicanismos, batias o pé, chamavas-me nomes, e acrescenas-tavas que eu não sabia nada de Ciência Política... O jornal onde escrevamos—sim, nós já jornalisticávamos—chamava-se a *Voz do Caixeiro*...
 Como estás mudado!...
 Três anos depois, eu que não

sabia mesmo nada de Ciência Política, encontrava-te a meu lado, a dares-me razão, a bateres palmas comigo, a ofereceres-me o teu ombro, o teu cérebro, o teu coração—por o Anarquismo?—credo! isso tinha sido sarampo, havia passado em ti, enquanto o meu entusiasmo pelo advento da República ia com lógica, com coerência, com tacto político, subindo e actuando. Era pois certo que entravas na República.

Quebrado? vencido? tombado em moldes conservadoras? Isso! Tu eras sempre o mais radical, o mais intolerante, o mais ferino—embora com condições!

Deves notar, porém, que se estas insignificâncias te recordo não é porque queira dest'arte significar que o espírito humano só ser estável, fixo. O que tam sómente quero fazer-te ver é que tendo tu subido tanto, tanto, tanto, na escala dos sonhos, bem pode succeder que, pelo caminho que vais tomando, ainda venhas a cair num grosseiro conservantismo de tamanco e pé de boi.

Sim, repara, meu velho, que vais andando... para traz.

Ainda há dois dias, sob o signo desta República que tu tens obrigação moral—repara bem!—de amar e defender, a tua voz e o teu espírito eram pelo «Mundo» e pelo Afonso Costa, porque, tu, austero e sacudido, sabias então admirar nesse jornal e nesse homem essas qualidades, tam tuas, tam familiares ao teu temperamento, ao teu feito, à tua educação.

Mais do que eu os defendo hoje, os incensavas tu ontem!

Ainda há dois dias, estou a ver-te, tu cortavas na padralhada, na bispalhada de farta sevadoira, escalpelizando, até sangrar, em toda a farandulagem de tonsura e opa. As mentiras religiosas valiam-te a melhor estocada, os políticos eram para ti todos a mesma coisa.

Hoje... quasi camarada, pouco te falta para lhe pegares ao andar.

Pois anda lá, filho; ajuda-os, leva-lhes o pouco de mocidade que te resta, se com eles, e, sem pena, deixa-me cá no meu caminho de ontem, o caminho de hoje, o caminho de sempre.

Como estás mudado! Como estás tam outro!

Mas vamos à carta. Nela enxertas um cabaz de interrogações com o generoso intuito—não o duvidares—de me eriçares o meu amor próprio, de modo que, por ele e com ele, te ajudasse no ataque e na antipatia política aos democráticos.

Ele, todavia, o meu amor próprio, resiste... ao convite. Mais ainda. Não te agradece que lhe recordes graves injúrias e feias ingratidões dos meus correligionários, e isto pelo facto simples e natural de que não tenciono exentá-los de todas as culpas, erros, ou pecados de que tanto andam eivadas as lutas humanas, e dum modo particular as pugnias políticas.

E' positivo que as injustiças e mais as ingratidões, ferem e magoam profundamente—sangrando sempre. Mas se isso pertence ao campo restrito das pessoas, como hei-de eu fazer reverter esses factos isolados sobre o corpo organizado dum partido?!

Bem sei,—oh, se sei!—que muitos daqueles que renegam e se passam para o campo dos contrários, o fazem, a mais das vezes, em obediência a esses golpes de cartel partidário. Mas quem dirá que isso constitua motivo

imperioso, razão de ordem, sequência lógica para transformar a opinião uma vez feita sobre o que é e vale um organismo partidário?! Não pode ser.

Tem paciência, Rodrigo, mas se segues por esse caminho, ainda tens de vir a adoptar como condição de sanidade política para os teus correligionários a exigência impertinente, mas necessária,—sabes de que?—da apresentação de folha corrida!

Só assim lhe poderás chamar, sem escrúpulo,—teus correligionários.

E é isso o que tencionas fazer? Não lhe vejo geitos, visto que dessa antiga fé que te abrasava o cérebro, já só te restar o espírito dum morto, que sou eu, para te bradar, a cada passo falso, no tom mais amigo deste mundo:—«Rodrigo Pimenta, meu velho amigo, olha para o que t'eu digo: tu que és bom moço, tu que és inteligente, tu que és honesto, pita-deia-te, espilha, mas não tomes dessa caixa... Esse rapé estragaste o nariz».

Despreses tu, embora, meu conselho—o conselho dum morto experimentado.

E agora que o Tomás deste

reino dos mortos ameaça partir com as sacas do correio, forçoso é que termine esta.

Meu amiguinho: Quando alguém faz das brigas entre correligionários estadualho para os seus planos de opposição; quando alguém provoca e alimenta a cizânia, revolvendo feridas em vez de as cauterizar, só pelos intuítos, pouco superiores, de gosar o espectáculo da discórdia, esse alguém, mesmo quando julga servir um amigo, uma idea, uma causa, trái aquele principio de doutrina escrito em todos os códigos de moral social, que resa assim:—«*Trabalha por restabeleceres a paz entre os homens*».

E as questões que abordas-te, querido amigo, já não vivem, estão mortas. O momento para as tomares e, em nome duma velha amizade as defenderes, passou. Não nos prestaste então essa boa prova, hoje é... chicana, e chicana com fins mais próprios que alheios. Adiante, pois. Até á primeira.

Saudades dos mortos e um grande abraço para ti do

Outro eu.

Cemitério de Atougia, Fevereiro de 913.

A Câmara e a Sociedade M. Sarmiento

... e a nada se move!

A Sociedade M. Sarmiento é uma esfinge! Fechada numa fama antiga que lhe deu renome, justificado pelo seu passado de acção útil e proveitosíssima em prol dos progressos e instrução deste concelho, nada mais quer ou tenta fazer no sentido de aumentar esse património de vitalidade e de iniciativa que tornou gloriosa, e de todos querida, essa casa que é legítimo orgulho da terra de Guimarães.

Em resposta, sempre pronta, observam-nos os seus áulicos, que se nada se faz... é porque nada se pode fazer. A receita e mais a despesa, acrescentam, não dá margem a pôr-se em prática qualquer plano de reformas, etc.

De acordo. Sómente o caso de s. ex.^{as} é de natureza bem outro, pois a apatia de que sofre a Sociedade, nas mais pequenas coisas de expediente se evidencia.

Quantas vezes, quantas, nos temos referido à forma como correm os serviços da biblioteca?

E quantas vezes se há falado nos caprichosos desplantos que imperam a dentro do gabinete de leitura?

Tem porventura dado satisfação a estas justificadas reclamações?

Respostas que definem uma directoria

E' ver-se. Leu acaso o leitor o officio da Câmara, aqui há pouco transcrito, em que esta, zelosa do que mais convem aos seus municípios, pediu á Sociedade um orçamento da despesa extraordinária que poderia advir da abertura nocturna da Biblioteca, visto que, só assim a mesma poderia ser frequentada pelas classes operárias?

Pois a esse officio que devia merecer, por parte da directoria, todos os seus melhores cuidados, teve como resposta mais ou menos isto:

—Que pensaria a Sociedade no assunto logo que terminasse uma obra que trasiam no edificio!

Ora o que é verdade é que, sem se impedirem nem previam os cuidados de que possa demandar essa obra, podiam bem s. ex.^{as} satisfazer a pergunta camarária, se os movesse, está claro, alguma vontade de contribuírem para esse grande beneficio público. Mas temos mais.

Pedindo uma informação

A Câmara enviou á Sociedade o seguinte officio:

Á Excelentíssima Direcção da Sociedade Martins Sarmiento—Rogo a Vossa Excelências a finesa de informarem com urgência esta Municipalidade do estado de adeantamento em que se encontra a publicação da obra «Vimaránis Monumenta Histórica», de que a Sociedade que Vossas Excelências distintamente dirigem se encarregou, principalmente a da parte segunda que, á data do falecimento de seu tam autorizado coordenador Abade de Tagilde, parece já estava pronta a sair do prelo.—Saúde e Fraternidade—Guimarães, 27 de Janeiro de 1913.—O Presidente, *Mariano da Rocha Felgueiras*.

Não pode informar a Sociedade

A' pergunta da Câmara, respondeu a Sociedade com este officio:

Excelentissimo Senhor Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães—A direcção da Sociedade Martins Sarmiento encarrega-me de dizer a Vossa Excelência, relativamente ao conteúdo do seu officio número 34, que nada pode informar de particular sobre os trabalhos para a publicação da obra «Vimaránis Monumenta Histórica»; que certamente Vossa Excelência reconhecerá que há trabalhos, que nem se apressam nem se fiscalizam, de melindrosos que são, e muito principalmente quando feitos de graça.—Saúde e Fraternidade—Guimarães e Sociedade Martins Sarmiento, 30 de Janeiro de 1913.—O Presidente, *Domingos Leite de Castro*.

Leram? A directoria da Sociedade nada pode informar de particular sobre o caso, porque,—vejam o seu enfatuamento!—há trabalhos que não se apressam nem se fiscalizam, de melindrosos que são!

Tem esta resposta um domínio mental tam imperioso que a gente acaba por medir, á vara, a omnipotência de tudo aquilo e a concordar que foi efectivamente atrevimento da Câmara fazer semelhante pergunta a s. ex.^{as}.

Ora... bolas!

—Seria, por ventura, impertinência dirigir á Câmara á Socie-

dade aquela pergunta, demais a mais numa conjuntura em que o assunto, em referência, anda sendo, sob um aspecto geral, ventilado e discutido?!

Haverá, acaso, distincção a fazer entre os leigos da Câmara e os leigos da Sociedade, para que esta se arroge o ar autorizado do seu officio-resposta?!

Que há trabalhos «que nem se apressam, nem se fiscalizam, de melindrosos que são», sabe-o a Câmara, por certo, e, a prova que o sabe, é que confiou esse trabalho á Sociedade M. Sarmiento!

Podiam, por isso, s. ex.^{as} serem menos secos na redacção do officio e, explicarem, sem descerem muito da... pianha, aquilo que pode e deve ser explicado—sem favor.

As nossas informações dizem-nos que essa obra de tómo e importância para a história municipal deste concelho, em que o ilustre abade de Tagilde occupou o melhor do seu talento e a sua mais esforçada boa vontade, está publicada até quasi á sua terceira parte, havendo o mesmo illustra investigador, dias antes do seu falecimento, entregue ao sr. dr. João de Meira alguns apontamentos coordenados para que a grande obra tivesse neste nosso conterrâneo o seguimento necessário.

Que este cidadão, inteligente e sabedor, tem competência para esta matéria de estudos, ouvimos nós dizer que sim.

Se assim é, porque não há-de a Sociedade convidar s. ex.^{as} a dar seguimento á apreciada tarefa, prestando-lhe respectivamente todos os indispensáveis meios de acção, visto que, não habitando entre nós, só em condições especiais o poderia fazer?

Não o houveram ainda por esta forma entendido s. ex.^{as} e, foi por isso, que a Câmara julgando pouco correcta a sua resposta, lhe replicára da maneira que segue:

Boa doutrina

Excelentissimo Presidente da Sociedade Martins Sarmiento.—Surpreende-me a resposta que Vossa Excelência dá no seu officio de trinta de Janeiro á pergunta que em nome da Câmara a Vossa Excelência fiz sobre o estado de adeantamento em que se encontram os trabalhos para a publicação da obra «Vimaránis Monumenta Histórica».—A Sociedade Martins Sarmiento já esta Câmara entregou para custeio da obra referida, pelo menos, a quantia de 1:264\$112 réis, sendo réis 630\$000 depois de publicada a parte 1.^a. Tendo-se a Sociedade a que Vossa Excelência dignamente preside encarregado da execução desse trabalho e havendo já requisitado, a tal pretexto, a quantia referida de 1:264\$112 réis, importância que, para os apertados recursos municipais não pôde ser considerada como insignificante, parece que a esta Câmara cabe o direito de perguntar o estado em que se encontra esse trabalho e o dever de procurar certificar-se da forma como é gasto o dinheiro do Município. A Câmara não quer fiscalisar o trabalho de que a Sociedade da digna presidência de Vossa Excelência se encarregou; quer simplesmente saber se a parte 2.^a da obra «Vimaránis Monumenta Histórica» que, segundo informava o saudoso director dessa Sociedade, João Gualdino Pereira, já em fins de 1911 estava pronta a sair para público, jaz ou não esquecida na officina duma tipografia, como se afirma num semanário desta localidade, na mesma tipografia publicado.—E' isto o que a Câmara pergunta a Vossa Excelência certa de que obterá esta resposta condigna da correctação que em Vossa Excelência reconhece e da consideração que a Municipalidade de Guimarães a Vossa Excelência deve merecer.—Saúde e Fraternidade—Guimarães, 3 de Fevereiro de 1913.—O Presidente, *Mariano da Rocha Felgueiras*.

REPORTAGEM

Dr. Miguel Tóbin

Vai ser colocado em Lisboa o inteligente delegado do Procurador da República, desta comarca.

Carnaval de Guimarães

As nossas duas casas de espectáculos estiveram muito animadas, dançando-se e jogando-se com entusiasmo.

—Na Assembleia Vimaranesse realizaram-se dois bailes.

—Na rua destacou-se um cortejo organizado por académicos.

Conforme fôra anunciado percorreu as ruas da cidade, na terça-feira, o cortejo carnavalesco promovido por um grupo de estudantes vimaraneses.

Composto de quatro carros, muito interessantes, que a cada passo arrancavam dos centenares de pessoas que assistiram ao seu desfile, fortes gargalhadas, obedecendo estes ao gosto artístico de José de Pina.

Guimarães jamais presenciou cortejo carnavalesco tam bém organizado e tam decente como o que este ano se realizou.

Das varandas dos prédios, gentis senhoras aguardavam a passagem dos estudantes, munidas com a mais variada metralha da ocasião, prontas a travarem a mais encarniçada lucta. O carro do «Fruto Proibido» era dum efeito belo; o da «Rólha», embora singelo, foi dos que mais riso despertou; o da «Moda», além de ser o que provocava a mais constante hilaridade, era o mais bem composto e o réclame mais mirabolante que se podia fazer à casa Patrício; e por fim o «Monarca dos monarcas», igualmente dum aspecto magestoso, sintetizava bem os costumes pitorescos do nosso encantador Minho.

Parabéns à briosa rapaziada e que ela volte para o ano a divertir a cidade com as suas engraçadas exhibições.

Precursos da República

Comemorando a passagem do 22.º aniversário dos vencidos da primeira revolução republicana, fizeram-se, entre nós, as seguintes manifestações: — distribuição de 150 escudos pelos pobres da cidade, encarregando-se desta distribuição as juntas paroquiais; pelo Centro Republicano música e foguetes, iluminando a sua sede; no quartel de infantaria 20.ª, música, iluminação e rancho melhorado.

Todas as repartições e alguns edificios da cidade içaram a sua bandeira, iluminando a Câmara e algumas casas particulares.

A banda regimental tocou das 13 às 15 horas, no corêto do jardim público.

Na Corredoura iguais manifestações se verificaram.

Na recepção do Pôrto ao sr. Presidente da República e na comemoração aos vencidos de 31 de Janeiro, foi este jornal representado pelo seu director.

Também o sr. Guilhermino Rodrigues, administrador do concelho, esteve, nessa qualidade, na recepção e cortejo cívico do Pôrto.

Desta cidade foram outros correligionários assistir às festas solenizadoras que o Pôrto promoveu com grande brilho.

Festa íntima

Num dos salões da casa do nosso amigo José da Costa Carneiro teve lugar, na passada segunda-feira, um pequeno sarau constando de recitações de poesias e desempenho de algumas comédias, ao qual assistiram algumas famílias das mais gradas desta terra. No final foi servido à selecta assistência um magnifico copo de água.

Récita de despedida

Comunicam-nos que o curso de 5.º ano do liceu desta cidade tenciona dar brevemente, no nosso teatro, uma récita de despedida. E' mais uma festa atraente que os estudantes do liceu promovem, e que por certo agradatá.

Homenagem política

Celebrou-se na igreja de S. Domingos uma missa sufragando o passamento de José Novais, figura de destaque na política franquista.

Partida

Ausentou-se desta cidade para a Guarda, o nosso conterrâneo dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior, onde vai exercer as funções de sub-delegado do Procurador da República.

Transcrevendo-nos

O «Jornal de Fafe» encheu a sua primeira página com a maior parte do nosso artigo — «A origem dos bens da Igreja». Fê-lo,

porém, com mui pouca lialdade; já dizendo no principio que o artigo se lhes havia deparado em diversos jornais, o que não consta, já fechando com a declaração de que da «Alvorada» só seguim a ordem, quando a verdade é que do artigo faziam uma transcrição, pura e simples, embora mutilada.

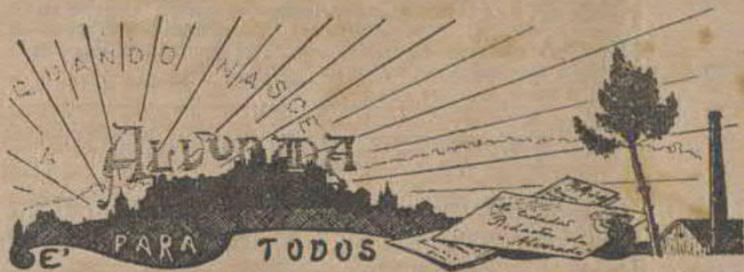
Aí fica o reparo, — já que não fizeram jus ao nosso agradecimento, que eram os do director deste semanário.

Vida operária

Alfaiates e Costureiras

A direcção da Associação de Classe dos Operários Alfaiates e Costureiras, convidá a classe de alfaiates a uma reunião magna, que terá lugar na sede da Associação, no próximo dia 9 de Fevereiro, pelas 10 horas, a fim de se resolver assuntos relativos à bandeira da mesma classe.

Todas as resoluções que se tomarem nesta reunião serão válidas e resolver-se há com o número que comparecer.



Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitro, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prova, seja como for — contanto que nela se defenda um principio justo, rascavel, humano, atendível.

Uma explicação

Sr. Director da Alvorada e meu bom amigo:

Em resposta a umas considerações injustissimas que, a propósito da minha proposta sobre obras municipais, fás a Alvorada, no seu último número, venho declarar-lhe o seguinte:

1.º A Câmara dispensando os serviços do sr. Beltrão na construção da estrada de Tagilde, procedeu obedecendo, **exclusivamente**, a um principio de boa administração, visto ter entendido que, para a conclusão da estrada, já os seus serviços não eram necessários. Nem o conservou nesse lugar em atenção ás suas ideas políticas, mas só enquanto do seu trabalho necessitou, nem o dispensou por qualquer mudança que, por ventura, se desse no seu modo de pensar político, mas simplesmente porque o pouco que restava para fazer na estrada já podia ser feito, com economia e sem prejuizo da obra, pelo pessoal camarário.

2.º E' uma injúria supor que na referida minha proposta há **verdadeiros** ou **falsos** espiritos: nela há sómente o desejo bem manifesto de que a iniciativa da Câmara não seja tolhida pelas extraordinárias demoras que, da parte da Repartição das Obras Municipais, há na elaboração dos projectos de cuja elaboração é incumbida. A respeito dessa proposta ou do seu assunto **nunca, até hoje**, uma palavra sequer foi

trocada entre mim e o sr. Beltrão. Tampouco ela era conhecida de qualquer dos meus colegas da Câmara, antes de por mim ter sido apresentada.

3.º Das faculdades que pela proposta me são conferidas usarei **libérrimamente**, encarregando da execução dos trabalhos a pessoa ou pessoas que, em minha consciência, vir que os podem fazer melhor, mais rapidamente e por menos dinheiro, não me importando com as ideas políticas dessa pessoa ou pessoas. E' claro que, em igualdade, bem manifesta, de circunstâncias preferirei sempre os meus correligionários políticos.

Mas, na minha maneira de proceder, nunca poderão ter influencia intrigas ou habilidades de qualquer natureza que sejam.

4.º A Câmara de que faço parte ainda até hoje não teve de demitir nenhum empregado porque fôsse inimigo das instituições e nos seus actos, tem procurado sempre ser absolutamente imparcial e guiar-se unicamente pelos principios de boa administração e engrandecimento da terra. E' assim que os seus membros julgam servir melhor não só o concelho que lhes foi confiado, como mesmo as suas ideas políticas.

Creia-me sempre

amigo dedicado

Guimarães, 2—2—13.

Mariano Felgueiras.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães

Faz saber que no dia 19 do próximo mês de Fevereiro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a construção

de terraplanagens e obras de arte no lanço da estrada de Guimarães à Penha compreendido entre a parte já construída até S. Tiago da Costa e o perfil n.º 112 no local de S. Roque que faz parte do projecto de 24 de Maio de 1893, sob a base de licitação de réis 3:860\$000.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Passos do concelho de Guimarães, aos 28 de Janeiro de 1913. E eu, José Maria Gomes Alves, secretário da Câmara o subscrevi.

O PRESIDENTE,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães:

Faz público que em sua sessão ordinária realisada no dia 29 de Janeiro próximo passado, resolveu, em homenagem ao povo trabalhador, que a Câmara tem na mais subida consideração, dár o nome de «Largo 1.º de Maio», ao Largo de Nossa Senhora da Guia, desta cidade.

E para constar se pública o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e ainda pela imprensa, tendo esta deliberação execução passados tres dias a contar deste edital.

Guimarães Secretaria Municipal, 5 de Fevereiro de 1913.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, distrito administrativo de Braga:

Convida todos os munícipes, que desejem instalar telefone nas suas casas, a inscreverem os seus nomes na secretaria da Câmara Municipal, no praso de 30 dias, a contar deste edital.

Esta inscrição servirá de base à Câmara para informar o govêrno do número de assinaturas que se poderão obter, e de que a Câmara tomará a responsabilidade.

Para conhecimento de todos se prestam os seguintes esclarecimentos:

1.º — A assinatura por ano custa 12\$000 réis.

2.º — A instalação custa 6\$000 réis.

3.º — Desejando-se falar para fora da cidade paga-se uma sobretaxa que variará segundo a distância.

4.º — Só depois de estar a funcionar o telefone na cidade é que se pode obter a ligação com a cidade de Braga.

Guimarães, secretaria municipal, 23 de Janeiro de 1913.

O escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Câmara Municipal deste concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 19 do próximo mês de Fevereiro, pelas 12 horas, nos Paços do Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de reparação e melhoramento do caminho público, no lugar do Ribeirinho, freguesia de S. Pedro de Azurem, que consiste na construção de aqueductos para passagem de águas, tertraplenagens e construção de pavimento de calcetaria sob a base de licitação de 77\$200 réis.

As condições estão patentes na secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 25 de Janeiro de 1913. E eu, José Maria Gomes Alves, secretário da Câmara o subscrevi.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães, distrito administrativo de Braga:

Faz público que, usando das atribuições que lhe confere o decreto com força de lei de 12 de Outubro de 1910, em sua sessão ordinária realisada no dia 15 do mês corrente e anno, deliberou que o dia oito de Junho de cada anno seja feriado dentro da área deste concelho, por nesse dia passar o aniversário da fundação do teatro português pelo vimaranesense Gil Vicente.

E, para conhecimento de todos, se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo, e ainda pela imprensa.

Guimarães, secretaria municipal, 23 de Janeiro de 1913 e treze.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

Leilão de penhores

Nos dias 23 de Fevereiro e 2 de Março, pelas 9 horas da manhã, serão vendidos todos os objectos que devam mais de 5 meses de juros, na Casa penhorista de João Veloso de Araújo, rua do Gravador Molarinho, — junto ao tribunal desta cidade.

Guimarães, 22 de Janeiro de 1913.

Cacilda da Madre de Deus de Oliveira Soares

Leciona instrução primaria, portuguez e francês em sua casa ou na das alunas.

Preços módicos.

Fala-se na rua D. João, I, 72 a 74.

“ADESA,”

MARAVILHA SCIENTÍFICA MODERNA

O «Adesa» limpa automaticamente, e por um processo novo toda a qualidade de metais, prata, ouro, joias e pedras preciosas



Com o «Adesa», podem limpar-se ao mesmo tempo mais de 50 objectos sem ser preciso empregar pós, pomadas ou outros ingredientes.

Com o «Adesa», acabou a fadiga de esfregar um objecto de cada vez para o limpar.

O «Adesa», não contém nem mercúrio nem ácido, é completamente inofensivo.

O processo «Adesa», é o mais limpo e mais barato.

Nenhuma senhora pode dispensar em sua casa o «Adesa», para limpar as suas pratas, e muito principalmente as suas joias, evitando os perigos de as mandar limpar fora.

(O «ADESA» é breveté em todos os países do mundo, e toda a contrafacção será rigorosamente punida).

Depositarío e vendedor exclusivo: Em Guimarães

AUGUSTO CUNHA & C.^a

O «Adesa» vende-se em caixas, a começar em 200 rs.

Do Chic da Moda

DE

CAMILO ALVES DE ALMEIDA

12, Praça de D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Toural)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

Horário dos comboios

(Rectificado)

PARTIDAS Para a Trofa

5,54—Diário. Liga, 1 hora depois, com o Pôrto, Minho e Douro, por Ermezinde (P. 8,27) e Póvoa; para o Sul, de Campanhã, ás 8, 48.
8,16—Dias úteis—Rápido. Liga com o Pôrto (C. 10, 30), Braga e Valença (P. 8, 45); para o sul (oeste), de Campanhã, ás 11,40.
10,49—Idem. Liga com o Pôrto (C. 13,26).
13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,43) e Douro, por Ermezinde (P. 17,12); com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,21).
16,41—Idem.—Correio. Liga com o Pôrto (C. 19,28); e Douro por Ermezinde, (P. 18,48); com Valença e Braga (P. 18,59); com o Sul, de Campanhã, ás 20,25.

Para Fafe

8,21—4.ª feiras e 22,11—Dias úteis.
11,34—Correio, e 16,49—Diários.
21,36—Dom., feriados e dias santificados.

CHEGADAS Da Trofa

9,44—Dias úteis. Liga com Valença, Braga e Póvoa (P. 5,33)
11,27—Diário.—Correio. Liga com o Minho (P. 8,45) (C. 16,30).
16,41—Idem. Liga com o Minho (P. 14,21) (C. 16,43).
18,51—Dias úteis.—Rápido. Liga com o Pôrto (P. 16,50).
21,29—Domingos, fer. e dias santif. } Ligam com o Minho (P. 18,59) (C. 19,28).
22,02—Dias úteis.

De Fafe

5,46, 10,39 e 16,31—Correio. Diários, que partem de Fafe ás 4,50, 9,43 e 15,35

Apeadeiros

Exceptuando os rápidos, há paragens de 1 minuto em Espinho, Madalena e Covas; e não pára em Espinho o comboio que chega ás 21,29. Na linha de Fafe há paragens na Penha e Cepães, e na Arcela, aos sábados, há também paragem pelo comboio das 16,49 (ida).

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam as partidas do Pôrto e as chegadas ao Pôrto. As partidas de Vizela para Guimarães antecedem proximamente 20 minutos a hora de chegada a Guimarães.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,
João Vellozo de Araujo.

Sapataria Vimaranense

—DE—

António José Mendes

5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros devidos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.^a

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Lettura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. illustrada)—47. História de um bello, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Meuret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenina, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromont Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochado e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Preço das publicações

Ano 1\$200 rs.
Semestre 600 "
Brazil, ano (moeda forte) 2\$500 "
Número avulso 30 "

Anuncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Permanentes, contracto convencional.
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ao Cidadão